

CARTAS DE MOCIDADE

Na Baía do Rio de Janeiro,
5 de fevereiro de 1849¹

Querida Mamãe :

Estamos finalmente fundeados no ancoradouro do Rio, após dois meses de mar e de acentuado mau tempo. As três horas da tarde, entramos na baía, passando diante do primeiro forte; fomos chamados à fala, sendo impossível saber o que nos perguntavam. O segundo forte também nos interpelou. Não tendo, por sua vez, entendido as nossas respostas, deu-nos igualmente um tiro de canhão.² Não sabendo o que desejavam, continuamos navegando, quando o forte fêz contra nós um segundo disparo. Decidimos então ancorar diante d'êle, e ainda bem que o fizemos, pois iamnos receber outro tiro e desta vez com uma bala de canhão. Uma vez ancorados, a Saúde veio visitar-nos, seguindo-se a Capitania do Pôrto e a Alfândega, a qual nos deixou a bordo um de seus homens, para impedir o desembarque de mercadorias antes da conferência.³

Cumpridas tôdas essas formalidades, pude contemplar a paisagem que me rodeia e dela falar-te: a Baía do Rio é encantadora. Está cheia de navios de guerra de tôdas as nações,⁴ sendo cercada de montanhas verdes,⁵ nas quais vêem-se vivendas aprazíveis. Mal chegamos, fomos rodeados por embarcações do país, tripuladas por negros, que vinham perguntar se que-riamos desembarcar.⁶ Não te posso falar mais do Rio; nossas cartas devem partir amanhã, às 4 horas da madrugada. Não devemos ir à terra antes de quinta-feira. O Comandante foi à cidade hoje à tarde e trouxe uma dezena de cartas; esperava ansiosamente receber uma de vocês, mas não tive essa felicidade. O Sr. Cor não indicou a Papai as ocasiões favoráveis?⁷

Adeus, querida mamãe, abraço-te muito ternamente, bem como a papai, vovó, meus irmãos, Júlio, minha tia, Edmond, etc... Lembranças à minha amiga, a Sra. Baudoin, recomendações a Sofia e à minha babá:

Conheço hoje muito bem o meu trabalho a bordo; vamos agora ficar livres, durante dois meses, dos pequenos aborrecimentos da vida do aprendiz-marinheiro. E vamos enfim beber *água fresca* e não comer mais diariamente *carne em conserva*.

Na Baía do Rio de Janeiro

Querida Mamãe :

Já te anunciei, em minha última carta, nossa chegada ao Rio. A baía, como já te disse, é encantadora. Tivemos tempo para admirá-la, pois não descemos à terra senão no domingo seguinte. Este período de espera pareceu-nos bem longo; a cada momento o comandante, os oficiais e o passageiro, que é meu íntimo amigo, iam à cidade e faziam-nos ainda mais desejar o momento em que devíamos pôr os pés em terra firme. Cada um de nós remeteu sua carta de recomendação; enviei a que Reboul me havia dado e, no domingo, após a missa (pois foi celebrada missa a bordo), saí em companhia do Sr. Jules Lacarrière, rapaz da minha idade. Conduziu-me para a casa de sua mãe, que tem uma loja de modas na Rua do Ouvidor e possui uma pequena residência de campo, em estilo brasileiro, a cinco minutos do Rio.⁸ Almocei e jantei com eles. A família compõe-se do filho mais velho, de um menino e de uma mocinha de 13 anos. Fui recebido de braços abertos; enfim, não podia ser melhor. Após o almoço, parti com meu novo amigo para percorrer tóda a cidade. Esta é bastante grande; contudo, as ruas são muito estreitas.⁹ Para o europeu, com um pouco de espírito artístico, a cidade apresenta uma característica tóda particular. Nas ruas não se encontram senão negros e negras; os brasileiros pouco saem de casa e as brasileiras ainda menos. Estas são vistas apenas no momento em que vão à missa, ou à tarde, após o jantar, quando ficam em suas janelas. É então permitido olhar para elas à vontade,¹⁰ pois durante o dia, se por acaso se encontram na janela e percebem que estão sendo observadas, recolhem-se imediatamente. Neste país, todos os negros são escravos.¹¹ Todos estes infelizes têm aspecto de animais. O poder que sôbre eles exercem os brancos é extraordinário. Vi um mercado de escravos; é um espetáculo revoltante para nós.¹² Os negros usam habitualmente calças, algumas vezes uma blusa de algodão, mas, como escravos, não lhes é permitido calçar sapatos. As negras mostram-se, na maioria, nuas da cintura para cima; algumas trazem um pano de sêda prêso ao pescoço e caindo sôbre o peito. São geralmente feias. Vi, contudo, algumas bastante bonitas. Vestem-se com muito apuro. Umaz trazem turbantes, outras arranjam artisticamente seus cabelos encarapinhados e quase tódas usam saiotos enfeitados com imensos babados.¹³

Quanto às brasileiras, são geralmente lindas; têm olhos e cabelos magnificamente negros. Estão tôdas penteadas à moda chinesa e andam nas ruas sem chapéu. A roupa é igual à das colônias espanholas, vestuário muito leve a que não estamos habituados em nosso país.¹⁴ As mulheres não saem nunca sôzinhas, estão sempre acompanhadas de sua negra ou de seus filhos, pois neste país casam-se aos 14 anos, e mesmo antes. Visitei várias igrejas. Não se comparam às nossas; são douradas e iluminadas de cima a baixo, mas ressentindo-se de bom gosto.¹⁵ Há na cidade alguns conventos, entre outros um convento italiano onde os reverendos padres usam burel e barba comprida.¹⁶ Tudo é horrivelmente caro na cidade do Rio, onde só circulam papel-moeda e dinheiro de cobre.

No Rio, as brasileiras fazem-se conduzir em palanquins. Existem também carros e ônibus puxados por bêstas, pois utiliza-se êste animal em vez de cavalo.¹⁷

Esqueci-me de falar-te do palácio do Imperador. É uma verdadeira casinhola, é mesquinha.¹⁸ Além disso o monarca não vive aí habitualmente; mora a alguma distância, num castelo chamado S. Cristovam.¹⁹ A milícia brasileira não deixa de ser muito cômica;²⁰ os brasileiros têm também uma Guarda Nacional. A lei do recrutamento existe neste país e acaba de ser posta em vigor,²¹ pois estalaram motins na Bahia, sendo para lá continuamente enviadas tropas.²²

Desejaria que escrevesse uma carta muito amável à minha correspondente e que lhe agradecesse a maneira pela qual me recebeu; tenho permissão para sair todos os domingos. Não te aflijas pelo seu título de modista;²³ ela está acima de qualquer elogio e seu filho é aluno do internato Jouffroy, um rapaz encantador, melhor educado, asseguro-te, que muitos dentre nós. Confesso-te, contudo, que no primeiro domingo em que saí, pareceu-me bastante esquisito encontrar-me numa loja, à qual estou agora habituado. Se vires Raboul, agradece-lhe por mim e dizê-lhe que, no meu regresso, levarei para êle uma carta de seu amigo.

Não ouvi falar do Sr. Pinto; contudo, tenho seu enderêço. É um português. Irei talvez vê-lo qualquer dêstes dias. Se por acaso me enviases uma carta para a casa dêle (creio que Papai pretendia fazer isso) debes ter o cuidado de escrever assim o enderêço: Manoel Ferreira Pinto 39, Via Direita, pois todos os portugueses da cidade chamam-se Pinto.²⁴

Temos, neste momento, chuvas espantosas; duram quatro a cinco dias sem cessar e não há nada mais enfadonho que chuva a bordo.²⁵

Não foi possível encontrar-se professor de desenho no Rio; o Comandante pediu-me para dar lições a meus colegas. Vi-me então arvorado em mestre de desenho. É preciso dizer-te que, durante a travessia, firmei minha

reputação, tanto que todos os oficiais e professores me pediram suas caricaturas e o próprio Comandante guardou a sua como presente de festas; tive a felicidade de sair-me bem, de forma a contentar a todos.²⁶

Tôdas as quintas-feiras saímos às quatro horas da manhã. Vamos de barco para o lado da baía oposto à cidade e fazemos excursões no campo.²⁷ Tomamos banho, almoçamos e jantamos lá mesmo. Vão conosco o cozinheiro, o comissário e toda espécie de provisão. Esses passeios são agradáveis. Contemplamos o espetáculo da mais bela natureza que é possível imaginar. Temos tantas frutas quantas desejamos. Todos os dias uma falua do país vem a bordo carregada de bananas, laranjas, abacaxis, etc., e tudo é muito barato.²⁸

O Carnaval do Rio tem um cunho todo particular. No domingo gordo passei durante o dia pela cidade. As 3 horas, tôdas as mulheres brasileiras postam-se em suas portas ou em seus balcões e atiram em todos os homens que passam bombas de cêra de tôdas as côres, cheias de água e às quais chamam de *limões*. Em várias ruas, fui atacado segundo o costume da terra.²⁹ Tinha os meus bolsos cheios de limões e respondi da melhor maneira que pude, o que é de bom tom. A batalha dura até às 6 horas da tarde;³⁰ tudo, então, volta à normalidade, realizando-se um baile à fantasia, copiado dos bailes da Ópera, no qual sômente brilham os franceses.³¹ Passamos a terça-feira gorda no campo. Realizamos um passeio delicioso. Estendemos até muito distante a excursão neste país que admiro cada vez mais. Infelizmente, há uma quantidade enorme de cobras; caminhando-se no mato é preciso continuamente tomar cuidado.³² Vi beija-flores lindos.

Sábado, 24, recebi tua carta, querida Mamãe; ela me deu grande prazer. Havia tanto tempo que eu não recebia notícias tuas!

Acabo de passar três dias no campo, com três solteirões e três colegas; divertimo-nos muito. Fomos à caça, na floresta virgem, etc.

Adeus, querida Mamãe. Termino minha carta; um pacote inglês vai partir. Abraço-te muito ternamente assim como a papai, meus irmãos, vovó, Jules, etc. Lembranças à minha tia, a Edmond e à Marie.

Teu filho respeitoso.

Na Baía do Rio de Janeiro
Segunda-feira, 26 de fevereiro

(A seu primo Jules Dejoux):

Meu caro Júlio, tua carta me deu um grande prazer; eu tinha mais ou menos a esperança de recebê-la. Acho como tu que, longe da família, fica-se feliz em receber demonstrações de aprêço. Espero que possas decifrar meus rabiscos, minhas impressões. Confesso-te que os primeiros tempos a bordo

me pareceram bem duros. Os aborrecimentos trazidos pelo mau tempo e o enjôo me haviam inteiramente desgostado do officio. Mais de uma vez perguntei a mim mesmo: *que diabo vim fazer nesta galera?* Mas, os nossos maus dias passaram e já agora somos todos marujos aguerridos. O Rio de Janeiro fêz-nos esquecer os nossos pequenos aborrecimentos, as brutalidades a que não estávamos habituados e as cóleras repetidas dum comandante despótico.³³

Dando-te, caro amigo, pormenores do Rio, não farei senão repetir, mais ou menos, o que já disse na carta dirigida à Mamãe: a cidade, conquanto bastante feia, apresenta ao artista uma característica tóda particular. A população, em seus três quartos, é negra ou mulata;³⁴ esta gente é em geral muito feia, com algumas exceções entre as negras e as mulatas. As últimas são quase tódas bonitas. No Rio, todos os negros são cativos. O tráfico está aqui em pleno vigor. Quanto aos brasileiros, são em geral moles e, segundo me parece, pouco enérgicos. As brasileiras têm aspecto distinto, não merecendo a reputação de leviandade que alguns lhes emprestam na França. Não existe pessoa mais recatada ou bôba que uma brasileira.³⁵ Nunca aparecem de dia na rua; sômente à tarde, depois das cinco horas, põem-se em suas janelas, quando então podemos olhar para elas à vontade. O Carnaval transcorre duma maneira muito engraçada; fui nêle, como acontece a todos, vítima e protagonista. Tódas as senhoras da cidade instalam-se em suas janelas, a partir das 3 horas da tarde, e atiram nos homens *limões* ou bolas de cêra cheias de água, as quais rebentam quando batem na pessoa, cobrindo-a de água. É licito também aos cavalheiros pagar na mesma moeda. De minha parte, fiz uso da permissão. À noite, há um baile à fantasia, à semelhança de Paris.

Quanto ao campo, nos arredores, nada é tão bonito. Jamais vi natureza mais bela. Fiz *ontem* um passeio com vários solteirões numa ilha, no fundo da baía.³⁶ Divertimo-nos bastante. A casa, em que ficamos durante *três dias*, é deliciosa, em estilo crioulo. Fizemos uma excursão numa floresta virgem. Foi muito interessante, com exceção das cobras que perturbam o prazer do passeio.

Procurei dois correspondentes, um dos quais recentemente. Sou sempre recebido de forma cada vez mais acolhedora; estou sendo mimado.

Agora, que conheço o Rio a fundo, desejo ardentemente rever a França e tornar a encontrar-me, o mais cedo possível, no meio de vocês. Tocaremos talvez na Bahia, ou em qualquer outro pôrto da costa.

Por que essa mudança de residência? Isso me surpreende. Será que tens fundados receios de uma demissão? Que me dizes, politiquero-mór do regime de L. Napoleão? Sobretudo vocês não devem proclamá-lo Imperador; isso não teria nenhuma graça.

O coitado do Eugène está cada vez mais desanimado; que rapaz esquisito ! Isso me surpreende, pois êste ano êle tinha boa média em tôdas as matérias. Creio que seus estudos iniciais de matemática lhe parecem duros e enfadonhos. Gustavo torna-se aplicado, pelo que parece.

Gostaria de conversar longamente contigo, mas estamos sendo apressados; nossas cartas devem seguir de navio, às 3 horas, e fomos avisados muito tarde dessa partida.

Adeus, caro primo, lembranças aos nossos amigos principalmente a Jules Munich.³⁷ Quando o vires, dá-lhe também recomendações do jovem Cremieux, um de meus amigos.

Teu amigo dedicado
Edouard Manet.

Na Baía do Rio de Janeiro
a bordo do *Havre-et-Guadeloupe*,
11 de março de 1849

(A seu irmão Eugène):

Meu querido irmão, aproveito um navio de partida rumo ao Havre para escrever-te duas linhas, pois penso que uma carta minha te dará tanto prazer quanto me teria dado uma vinda de tua parte.

Eis-nos quase no fim de nossa expedição, pois deixaremos o Rio a 10 de abril, levando conosco 8 passageiros e 12 novos alunos brasileiros. Ficarei muito contente, asseguro-te, quando me vir no pôrto do Havre, conquanto agora esteja habituado à vida do mar e me pareça que só tenha vivido, até o presente, a bordo de um navio. A carreira muito me agrada, apesar dos numerosos aborrecimentos. Mas, felizmente, para nós o aprendizado foi duro, pois a partir do 3º dia de navegação, tivemos tempos horríveis até Tenerife, tempestades, etc. Fizemos em dois meses uma viagem que ordinariamente é realizada em 40 dias.

Pois bem, acredita-me, aborreço-me mais depois que estou no Rio do que em alto mar, pois é duro ver a terra diante dos olhos e não poder desembarcar senão às quintas e domingos !³⁸ No momento em que escrevo, há duas semanas que não deixo o navio, pois numa excursão pelo campo, que realizei em companhia de pessoas da cidade, fui mordido no pé por um réptil qualquer.³⁹ Meu pé ficou horrivelmente inchado; sofri um verdadeiro martírio, do qual estou livre agora. Quanto a êste belo país da América, não me atrevo muito a falar a respeito dêle,⁴⁰ pois apesar da bela natureza, chove continuamente. São aguaceiros tremendos que duram 4 e 5 dias ! Enfim, não estou encantado com a minha permanência na baía. Tenho sido mal tratado, bruta-

lizado mesmo.⁴¹ Também tenho mais de uma vez tentado uma *escapada*; ⁴² pergunta a Paul a explicação do termo.

Existem muitos franceses no Rio; ⁴³ também não encontramos dificuldade em fazermo-nos compreendidos. Quanto aos portugueses e aos brasileiros, são gente moleirona, lenta e, segundo creio, pouco hospitaleira.⁴⁴ Nas ruas não são encontrados senão negros, todos escravos, constituindo três quartos da população do Rio.

Não espero matricular-me este ano. Vive-se mais atrapalhado a bordo que em terra e esta medida estúpida, que acaba de ser tomada, torna a entrada na Escola praticamente inabordável.⁴⁵

Pelo que mamãe me disse em carta, as matemáticas te desagradam. Não deves desanimar; o começo é assim para todos. Peço-te que dê, por mim, notícias e apertos de mão aos amigos do Colégio Rollin.

Na minha volta, espero encontrar o Edmond no St. Cyrien; este querido primo tem cavado muito nos estudos? Teve ele este inverno todos os divertimentos com que contava? O pai tinha permitido que ele fôsse este ano ao baile da Ópera; pensei nêle durante o triduo carnavalesco. Nosso carnaval aqui não foi muito agradável. Lêste na carta à Mamãe o costume excêntrico do país de atirar bolas cheias d'água; eis como transcorreram os três dias.⁴⁶

Fala-se muito a respeito de nós na cidade. Últimamente, apareceu nos jornais um artigo sobre o navio-escola francês, no qual foram feitos os maiores elogios aos alunos e professores.⁴⁷

Tornamo-nos hábeis nas manobras a bordo. Ferramos as velas senão melhor, pelo menos tão bem como os navios de guerra ancorados perto de nós, pelo que temos recebido cumprimentos.

Jules escreveu-me, como já deves saber; disse-me que vai deixar a Rua Guenegaud. Ele estava tão bem lá, não é verdade? Apesar de Luís Napoleão, eu esperava no meu regresso encontrá-lo ainda no seu cargo de substituto.⁴⁸

Há neste momento no Rio um grande movimento. Acabam de descobrir na Califórnia, país novo, minas riquíssimas.⁴⁹ Todos os navios partem para lá. Uma garrafa de cerveja é vendida por 150 francos e assim por diante. As equipagens dos navios e seus comandantes também desertam para ir cavar ouro no interior desse país. Contam-se histórias fantásticas. As coisas mais indispensáveis são vendidas a preços exorbitantes, de tal modo o ouro lá se tornou abundante. É uma esplêndida ocasião de fazer fortuna.⁵⁰

Estive, ultimamente, no teatro português; nada é tão cacete, tão bôbo. Dançam aí na corda bamba e dançam muito mal.⁵¹ Não se paga senão na saída; infelizmente, ninguém se livra de dar alguma coisa, caso não fique satisfeito.

Quando fores à casa da Sra. Baudoin, dá-lhe lembranças minhas; recomendações ao gorducho Júlio e a Le Hellaco, se por ventura o vires em casa dela.

Espero levar-te um macaco que me prometeram. Tôdas as vêzes que vou passear em alguma mata, ou floresta virgem, penso em papai e me ponho a procurar bengalas. Já encontrei algumas madeiras de boa qualidade.

Se por acaso te avistares no Tribunal com meu amigo Caqué, dá-lhe minhas recomendações.

Adeus, meu querido Eugène; abraça por mim, apertadamente, a mamãe, papai, vovó e Gustavo. Dá notícias a Jules, Paul e Edmond, à minha tia e à Maria.

Teu irmão dedicado
Edouard Manct.

Têrça-feira deve ser celebrado no Rio o aniversário de nascimento da Imperatriz do Brasil; prometem-nos grandes festas.⁵²

Na Baía do Rio de Janeiro
A bordo do Havre-et-Guadeloupe
a 22 de março de 1849.

Querido Papai :

Julgava eu que a carta que Eugênio recebeu seria a última que escreveria, mas apresenta-se uma oportunidade e não quero perder nenhuma ocasião de enviar-lhes notícias minhas.

Já recebi suas três cartas e vocês não receberam nenhuma minha! Isso me surpreende, porque a 21 de dezembro, pelas alturas da cidade do Pôrto, nas costas de Portugal, entregamos algumas delas a um brigue com o qual cruzamos.⁵³

Deixamos o ancoradouro, encontrando-nos, desde já, no pôrto para receber a nossa carga, devendo transportar de 2.500 a 3.000 sacas de café.⁵⁴

Há, neste momento, no Rio, festas diárias, festas religiosas que são muito concorridas, pois existem aqui numerosos frades.⁵⁵

Vocês tiveram então ainda alguns sobressaltos em Paris? Tratem de manter, para nossa volta, uma boa república, pois temo bem que L. Napoleão não seja muito republicano.

Acaba de chegar ao Rio um amigo do Sr. R., encarregado de negócios em Montevidéu, Sr. Guillemont, que volta à França, possivelmente em nosso

navio. ⁵⁶ Paulo, se você se recorda, queria me dar uma carta de recomendação para êle.

Fiquei ciente, com pesar, da moléstia de vovó; enfim ela agora está melhor e devemos esperar que essa graça perdure.

As cartas de Eugène e de Edmond me deram grande prazer. Nos momentos de folga, leio e releio as suas cartas.

Adeus, querido papai, abrace por mim a mamãe e a todos. Termine minha carta que deve seguir imediatamente. Estou hoje de serviço, tendo sido pegado de surpresa.

Seu filho respeitoso
E. Manet.